

#cm
2

SEGUNDA-FEIRA



Simplesmente

Barbra

Aos 83 anos, Barbra Streisand, **diva das artes** que coleciona o **Oscar, o Grammy e o Globo de Ouro** segue firme e forte em **seu ativismo** e será agraciada com a Palma de Ouro Honorária do **Festival de Cannes**. Página 2

Palma para a Garota Genial

Aos 83 anos, Barbra Streisand amplia seu status de diva ao ser escalada para receber o troféu honorário do 79º Festival de Cannes, em 23 de maio, em meio ao êxito de sua autobiografia

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Daqui até 9 de abril, quando anunciará os concorrentes à Palma de Ouro de 2026, o Festival de Cannes fará um anúncio relevante por dia, atraindo atenções para um certame que terá Park Chan-wook (o diretor sul-coreano responsável por “A Única Saída”) como presidente de seu júri. Difícil será alguma de suas notícias futuras mexer tanto com a nostalgia da cinefilia global como a escolha de Barbra Streisand para pisar na Croisette pela primeira vez, em seus 58 anos de cinema, para buscar um troféu honorário. Com um currículo coroado com dois Oscars, oito Globos de Ouro e dez Grammys, a atriz, cantora e diretora acrescentará para um troféu de peso a seu rol de vitórias no dia 23 de maio.

Nessa data, Cannes entregará a ela uma Palma de Ouro Honorária. O reconhecimento da mais prestigiosa mostra competitiva da indústria audiovisual foi anunciado pouco depois de o evento divulgar que sua segunda Palma de Honra anual ficará com o diretor neozelandês Peter Jackson, responsável pela trilogia “O Senhor dos Anéis” (2001-2003). Deve rolar uma terceira, possivelmente voltada a uma produtora, um estúdio ou uma instituição.

Aos 83 anos, Barbra vence não apenas por seu trabalho nas telas, em marcos como “Yentl” (1983),



© Russell James

Atriz ganhadora de Oscar, cantora coroada com o Emmy, diretora autoral, diva queer, ativista das causas feministas: Barbra Streisand soma a isso tudo um tributo de Cannes



Divulgação

A atriz em sua estreia no cinema, nos anos 1960



Divulgação

A diva ao centro em ‘Funny Girl - A Garota Genial’

“Nestes tempos desafiadores, o cinema tem a capacidade de abrir nossos corações e nossas mentes para histórias que refletem nossa humanidade compartilhada e para perspectivas que nos lembram tanto de nossa fragilidade quanto de nossa resiliência”

BARBRA STREISAND



Columbia Pictures

Streisand dirigindo Jeff Bridges em ‘O Espelho Tem Duas Faces’

mas por seu ativismo em prol de lutas feministas e do combate à homofobia na defesa da comunidade queer. “É com um sentimento de orgulho e profunda humildade que me sinto honrada por me juntar ao

grupo dos anteriores laureados com a Palma de Ouro Honorária, cujo trabalho me inspira há muito tempo”, afirmou a estrela novaiorquina, em depoimento publicado no site oficial do festival. “Nestes tempos

desafiadores, o cinema tem a capacidade de abrir nossos corações e nossas mentes para histórias que refletem nossa humanidade compartilhada e para perspectivas que nos lembram tanto de nossa fragilidade

quanto de nossa resiliência. O cinema transcende fronteiras e políticas e reafirma o poder que a imaginação tem para moldar um mundo com mais compaixão”.

Com sua voz de mezzo-soprano capaz de abrange duas oitavas, Barbra desafiou o machismo ao anunciar a vitória de Kathryn Bigelow na disputa pelo Prêmio de Melhor Direção na festa do Oscar de 2010, quando nenhuma mulher, até ali, havia conquistado tal honraria. Iris Knobloch, presidente do Festival de Cannes, pontua o papel crucial de sua homenageada para a equidade profissional de gêneros, numa declaração ao site oficial do evento: “Este ano quisemos prestar homenagem a uma artista que marcou a história pela força de sua arte e por sua busca intransigente pela liberdade. Como mulher, sinto grande satisfação em poder expressar nossa admiração por essa criadora consumada e cidadã corajosa, cujo exemplo resiste ao tempo e continua a inspirar.”

O mimo de Cannes vem no momento que a diva acrescenta mais um ofício a seu histórico laboral: escritora. Em novembro de 2023, ela lançou sua autobiografia, “My Name Is Barbra”, de 992 páginas, hoje um best-seller, editado pela Titan. Em seus capítulos, ela relembra suas primeiras dificuldades para se tornar atriz, acabando por recorrer ao canto para ganhar a vida; a gravação de alguns de seus álbuns mais aclamados; os anos de esforço envolvidos em sua consagração como realizadora; sua imersão no processo de direção de “O Príncipe das Marés”, no início dos anos 1990; suas amizades com figuras que vão de Marlon Brando a Ben Stiller; seu ativismo político; e o prazer que encontrou em seu casamento com o ator James Brolin.

Tendo sonhado em se tornar atriz desde a infância, Barbara Joan Streisand nasceu no Brooklyn, em 24 de abril de 1942 e virou Barbra desde que se voltou para o trabalho como cantora por necessidade de pagar os boletos. Sua carreira fulgurante, marcada por paixão, carisma e rigor artístico, começou muito cedo, muito rapidamente e de maneira impressionante: triunfou em cabarés aos 18 anos; nos palcos da Broadway aos 20; com seu primeiro álbum aos 21; e diante das câmeras aos 26, em “Funny Girl: A Garota Genial”, de William Wyler, papel que lhe rendeu seu primeiro Oscar. “Minha Mãe É Uma Viagem” (2012) foi seu último longa-metragem como atriz. Como realizadora, ela não roda longas há 30 anos. Parou depois de “O Espelho Tem Duas Faces”, em 1996. Teve um momento blockbuster com Robert De Niro e Dustin Hoffman em “Entrando Numa Fria 2”, de 2004, e voltou à parte III da franquia, em 2010, em par com Dustin Hoffman, mas preferiu deixar a telona como um plano B.

Quem sabe Cannes não lhe renda convites para atuar.



Vinícius Oliveira, Angela Sarafyan e Daniel Hendler buscavam um lugar ao sol nos EUA, mas acharam ribalta em Málaga

O CEP da solidariedade fica em Málaga



Festival espanhol joga holofotes sobre o cinema

brasileiro ao acolher 'Quase Deserto', thriller sentimental de José Eduardo Belmonte sobre imigração, hoje na Prime Video

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

N um momento em que os olhos e os corações do Brasil se concentravam na luta de "O Agente Secreto" pelo Oscar, um filme nacional ambientado nos Estados Unidos caminhou, quietinho, até a Espanha e saiu do Festival de Málaga consagrado, no momento em que inicia carreira em nosso streaming, disponível para aluguel na Prime Video da Amazon: "Quase Deserto". Exibido em concurso no Festival do Rio, esse "thriller sentimental" em fricção é o melhor filme de Jim Jarmusch que Jim Jarmusch não dirigiu, pois quem filmou foi José Eduardo Belmonte.

Tem eco forte do diretor americano mais "maluco beleza" de todo o cinema mundial no novo exercício autoral do artista formado no DF que nos deu os seminiais "Meu Mundo Em Perigo" (2007) e "Gorila" (2012). É metade "Daunbailó" (1986), metade "Estranhos no Paraíso" (1984), só que com Vinícius de Oliveira, o órfão em busca do pai de "Central do Brasil" (1998), já adulto, a brilhar na tela.

"Esse filme é a minha forma de mostrar que não se anda sozinho para o futuro, pois o amanhã só pode ser construído na base da empatia", disse Belmonte, ao Correio da Manhã, via Zoom.

Seu roteiro talvez seja a mais prospectiva abordagem para a rotina de estrangeiros em terras distantes. No caso, um brasileiro (Vinícius, bem à pampa) e um ar-



O diretor José Eduardo Belmonte

“Esse filme é a minha forma de mostrar que não se anda sozinho para o futuro, pois o amanhã só pode ser construído na base da empatia”

JOSÉ EDUARDO BELMONTE

gentino (Daniel Hendler) se arvoram a tentar a sorte numa Detroit que é um oceano de perigos, nos EUA pós-pandemia, encontrando uma figura solitária (papel da atriz Angela Sarafyan) que também precisa de pertencimento. Tem uma participação de se aplaudir de pé de Alessandra Negrini, coruscante sobretudo na sequência de uma entrevista de visto.

"Esse filme surgiu num momento profissional em que eu pensava em recomeço. Detroit é uma cidade que recomeçou muitas vezes, pois faliu em diferentes ocasiões", explica Belmonte, que tem no currículo o sucesso de público "Alemão" (2004) e produções premiadas como "Assalto à Brasileira", que concorrerá no Festival du Cinéma Brésilien de Paris no dia 9 de abril. "Escolhi aquele pedaço da América que um dia foi uma potência industrial e, hoje, parece uma cidade datada como um símbolo de um capitalismo que fracassou. Esse simbolismo fica mais forte no âmbito geográfico para um cara que, como eu, vem de Brasília, uma cidade encarada como um exemplo do que deu certo num projeto arquitetônico. A experiência humana ressignifica esses dois lugares".

O mais forte de "Quase Deserto" é mostrar o que (ainda) é ser latino no país que reelegeu Trump. No jeitinho brasileiro, a truculência vai se debelando e fica o afeto, o que faz desse Belmonte uma carta de intenções para o futuro, reivindicando dias melhores, numa geopolítica de solidariedades. Sua sequência de encerramento é tocante e demonstra a maturidade de um diretor que sabe dialogar com gêneros como o suspense e a ação na dinâmica do road movie.

"O entendimento de uma rede de afetos é fundamental para o meu personagem, que é falível, mas nunca deixa sua brasilidade para trás", disse Vinícius de Oliveira na estreia de "Quase Deserto" na Première Brasil, em outubro.

Em sua seção oficial de documentários, Málaga, que terminou no domingo, exibiu, o belíssimo longa paulista "Amora", de Ana Petta. Seu foco é o menino Pedro, que tem 4 anos e mora com a irmã e a mãe em uma vila de casas no centro de São Paulo. Sua vida é feita de árvores, vizinhos e brincadeiras, até a chegada da notícia de que tudo será demolido para dar lugar a um prédio. A narrativa segue os olhos atentos e a imaginação do menino, registrando a dor da separação dos amigos, os conflitos com a construtora e o esvaziamento das casas, enquanto os moradores se mobilizam para preservar a memória daquele espaço. Outra narrativa documental brasileira que teve espaço por lá foi "Mundukuruyü. A floresta das mulheres peixe", um retrato de ancestralidades indígenas feito por Aldira Akay, Beka Munduruku e Rilécia Akay.

‘El Mensaje’ da Argentina ao mundo: ‘Resistimos!’



‘A Mensageira’ consagra a excelência do ator Marcelo Subiotto, hoje um dos maiores talentos do audiovisual latino

A duras penas, decorrentes do veto de Javier Milei à cultura, a Argentina se espalha por festivais, mobilizando telas no Brasil com filme sobre vidente que fala com animais mortos

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Falta um mês para o maior festival da Argentina – reconhecido também como um dos mais relevantes de toda a América Hispânica –, o Bafici, em Buenos Aires, dar início à sua 27ª edição, assegurando em sua grade uma estreia de peso de sua produção nacional: “La Verdadera Historia de Ricardo III”, de Marcelo Piñeyro. Baseada na peça teatral homônima de Adrià Reixach, dirigida nos palcos com Calixto Bieito, a nova experiência narrativa do diretor de “Plata Quemada” (2000), com Joaquín Furriel, evidencia o quanto o cinema de nuestros hermanos se empenha para sobreviver mesmo sob a geada política que tenta frear as vozes cri-



Dolores Fonzi e Camila Plaate recorreram a luta judicial em torno do aborto em ‘Belén’



Cena de ‘La Verdadera Historia de Ricardo III’, que integra a programação do Festival de Málaga, na Espanha

tivas avessas ao jugo de Javier Milei na presidência.

Antes do Bafici, expressões poéticas daquela pátria ecoaram pela Berlinale com “El Tren Fluvial”, de Lorenzo Ferro e Lucas A. Vignale, e com “Hangar Rojo”, uma parceria com o Chile. No Brasil, a fricção geopolítica de intercâmbio entre ellos e nosotros se dá em via doble: de

um lado, a realização da retrospectiva do ator Ricardo Darín no Estação NET Rio, marcada de 1 a 8 de abril; do outro, mais pertinho da gente, a estreia do premiado “A Mensageira” (“El Mensaje”), esta semana.

Esse drama sobrenatural de Iván Fund traz no currículo um Urso de Prata, conquistado no Festival de Berlim de 2025. O troféu simboli-

za a vitória na categoria Prêmio do Júri. Um toque de fantasia assegura encantamento a esse road movie em preto e branco.

“A construção de um estado depende do pacto social e, hoje, em nosso país, vivemos sob um governo autoritário que não estimula a inclusão”, disse ao Correio da Manhã um dos atores do longa-metragem de

Fund, que hoje uma das estrelas de maior êxito da Argentina: Marcelo Subiotto, premiado internacionalmente pela coprodução com o Brasil “Puan” (2023).

Pautado pela delicadeza, “A Mensageira” apela para a linguagem visual em P&B para criar uma narrativa de tintas fantásticas sobre uma menina com o dom de falar com animais mortos. O clima de sua vida não é de assombro, apesar do que a premissa sugere, mas, sim, de doçura.

“Um filme não é um evento isolado, é uma expressão que está ligado ao que veio antes e ao virá depois”, disse Fund ao Correio na Berlinale.

A seu lado em solo germânico, a produtora Laura Mara Tablón dava a medida dos problemas que a indústria cinematográfica de sua pátria passou a viver após a eleição de Milei. “Não há apoio hoje para nenhum filme”, disse Laura ao festival.

Apesar da aspereza em seus bastidores, a autoridade da filmografia argentina desabrocha em “El Mensaje”, que celebra a doçura e o companheirismo numa estrutura on the road que lembra “La Strada” (1954), de Federico Fellini.

“A evocação ao espectro felliniano me deixa contente pois dialoga com o mundo do cinema no qual eu quero que ‘El Mensaje’ esteja inserido”, disse Fund ao Correio da Manhã.

A seu lado, em San Sebastián, Subiotto justificava o acerto do longa: “É um filme rodado em família, com a certeza de que artistas são testemunhas na transformação social e agentes no empenho social para a compreensão dos vínculos empáticos possíveis para nossa união”.

No roteiro filmado por Fund, a personagem central é uma criança em fase de dentes de leite com a capacidade de se comunicar com bichos, inclusive aqueles que estão na fronteira entre a vida e a morte. Um dos tutores da menina, Roger (papel de Subiotto) cuida dela como um tesouro, por razões sentimentais e profissionais. Roger agencia as consultas que a guria dá para quem anseia por contato com finados animazinhos.

“É uma família periférica, que está cercada pelo mistério”, disse Subiotto.

A Prime Video da Amazon abriu veredas recentes no streaming para a resiliência argentina ao incluir em sua grade “Belén”, drama jurídico dirigido e estrelado pela atriz Dolores Fonzi. É a adaptação de um caso real sobre uma jovem presa sob a (injusta) acusação de ter forçado um aborto.

“Nossa produção de filmes baixou de cem para um e não existem mais suportes públicos”, disse Dolores, que protagonizou, há dez anos, o cult “Paulina”, vencedor da Semana da Crítica de Cannes. “Quando vi o leão da Metro, a MGM, associado ao meu filme, por conta da parceria da Amazon com o estúdio, nem acreditei.

O retrato de um artista inquieto

Baterista Alfredo Dias Gomes celebra fase criativa entre música e audiovisual com álbum ao vivo

AFFONSO NUNES

Filho de dois grandes dramaturgos - Dias Gomes e Janete Clair -, Alfredo Dias Gomes escreve sua história com a baqueta. O baterista acaba de lançar o álbum “Ao Vivo”, registro de uma apresentação do músico e seu quinteto em destacada permomance de jazz fusion. O trabalho converge com o reconhecimento internacional que o artista vem colhendo no audiovisual e foi gravado em abril de 2025 durante o lançamento de seu filme de animação “A Escritora”.

A carreira de Alfredo Dias Gomes atravessa décadas de colaborações significativas. Aos 18 anos, estreou profissionalmente tocan-

do na banda de Hermeto Pascoal, com quem gravou o disco “Cérebro Magnético” e participou de festivais internacionais como o II Festival Internacional de Jazz de São Paulo/Montreux.

O músico trabalhou com Ivan Lins, Ricardo Silveira e Nico Assumpção, além de integrar a formação original do Heróis da Resistência, banda de rock que fez sucesso nos anos 1990. Sua discografia solo, iniciada em 1991, inclui títulos como “Atmosfera” (1996), “Ecos” (2000), “Groove” (2005) e “Corona Borealis” (2010), entre outros.

Nos últimos anos, sua energia criativa transbordou para o audiovisual. Seu curta “Saudade” (2021) arrebatou prêmios de melhor animação no Cannes Indie Festival e no New York Independent Cine-

ma Awards. Agora, “A Escritora” recebeu indicação de Melhor Filme de Inteligência Artificial no World Film Festival de Cannes e conquistou a vitória na mesma categoria no

Swedish Film Festival. Essa versatilidade criativa reflete a inquietude que define o artista em sua fase atual.

O álbum reafirma seu compromisso com o jazz fusion em sua



Luis Eduardo/Divulgação



Divulgação

Alfredo Dias Gomes revela a coesão sonora de seu quinteto em ‘Ao Vivo’

forma mais desafiadora. O quinteto formado por Widor Santiago (saxofone), Yuval Ben Lior (guitarra), Berval Moraes (baixo) e Renan Francioni (teclados) abre com “Some Skunk Funk” dos Brecker Brothers, uma explosão de eletricidade. “Red Baron” de Billy Cobham segue com um groove hipnótico que ganha novas texturas, enquanto “A Remark You Made” de Joe Zawinul oferece o momento lírico da noite, carregado de sensibilidade melódica que conecta diretamente com o trabalho audiovisual de Alfredo.

“Funky Waltz”, de Alphonse Mouzon, é uma aula de balanço em compasso ternário, explorando a métrica 3/4 com um suingue raro. “Shoreline”, também de Mouzon, é um exercício de contenção repleto de pausas estratégicas e dinâmica cuidadosa. O álbum encerra em alta voltagem com “Quadrant 4” de Billy Cobham, onde velocidade e técnica extrema culminam em um solo que confirma o virtuosismo de Dias Gomes.

UNIVERSO SINGLE

POR A F F O N S O N U N E S



Divulgação

Convidado de peso

A dupla argentina Ca7riel & Paco Amoroso lança o single “Goo Goo Ga Ga” com participação de Jack Black. A faixa aborda envelhecimento, ego e imortalidade através de uma narrativa bem-humorada. O lançamento integra o álbum “Free Spirits”, previsto para esta quinta (19), e segue “Hasta Jesús Tuvo Un Mal Día”, que contou com Sting. A dupla conquistou recentemente um Grammy na categoria Melhor Álbum de Rock ou Alternativo Latino. O videoclipe, dirigido por Ferina, documenta parte do processo criativo da dupla.



Divulgação

Uma legião estrangeira

O Santos Bravos estreia com o EP “Dual”, que mescla pop latino e reggaeton em seis faixas. Uma autêntica legião estrangeira, o grupo é formado por integrantes dos EUA, Brasil, Peru, México e Porto Rico e acumula mais de 500 milhões de visualizações digitais. O single “0%” ultrapassou 7 milhões de streams, enquanto “Kawasaki” atingiu 33 milhões de visualizações no YouTube. Uma série documental sobre o processo criativo estreou no Spotify. O grupo se apresentará em festivais pela América Latina a partir deste mês.



Divulgação

Sob a força as águas

Ellen Oléria lança “Filha do Mar (Oh, Yemanjá)”, composição de Gabriel Martins e Vitor Cheloni que encerra o EP “Elas Cantam as Águas”. A faixa integra projeto que reúne artistas como Ivan Lins e Vitor Martins, explorando a água em suas múltiplas dimensões. A canção aborda espiritualidade e ancestralidade, narrando a jornada de transformação e cura de uma mulher através do chamado do mar e da força de Yemanjá num chamamento ao despertar, ao autoconhecimento e à celebração da energia feminina que pulsa nas águas.

O encontro com o abismo

‘Fera’ faz do ataque de um crocodilo uma metáfora sobre fragilidade humana e tecnologia



Quando a filósofa australiana Val Plumwood sobreviveu a um ataque de crocodilo em um rio, ela fez do episódio uma reflexão profunda sobre a vulnerabilidade humana diante da natureza. Décadas depois, sua história ressurge em “Fera”, espetáculo em cartaz no Teatro Poeirinha, no qual a atriz Carolina Ferman e a diretora Natasha Corbelino entregam uma experiência cênica radical sobre o encontro entre o humano e o selvagem, mediado pela tecnologia.

A inspiração chegou a Ferman de forma visceral. Lendo “Escute as Feras”, livro em que a autora Natasha Martin relata seu próprio ataque de um urso, a atriz — então vivendo intensamente o puerpério e a relação simbiótica com sua filha recém-nascida — sentiu-se capturada por essas narrativas de alteridade extrema. “Essa história me tocou porque fala sobre vulnerabilidade extrema. Não é uma metáfora, é uma história real, é um testemunho de uma filósofa ambientalista que pensava a natureza e acabou tendo esse encontro cru, selvagem com um crocodilo”, reflete Ferman. Foi então que descobriu “O Olho do Crocodilo”, de Val Plumwood, ainda sem tradução no Brasil — a obra que se tornaria o coração de “Fera”.

Ferman, atualmente em circulação na série HBO “Ângela Diniz: Assassinada e Condenada” no papel de Ione Manfredi, é atriz, produtora, professora e artista criadora formada pela CAL e PUC-Rio. Sua trajetória inclui indicação ao prêmio Cesgranrio como melhor atriz pela peça “Desalinho” e trabalhos autorais como “Abas” e “Super Disponíveis”. No audiovisual, além da série da HBO, participou de produções como “Adorável Psicose”, “Os Homens são de Marte” e das novelas globais “Deus Salve o Rei” e “Nos Tempos do Imperador”.

A peça investiga e dilata aquele instante suspenso entre vida e morte, quando a personagem atacada enfrenta o animal nos olhos e compreende sua própria fragilidade. Nesse espaço-tempo expandido, acontece o encontro entre personagem e atriz, entre relato e ação, entre lucidez e delírio. Ferman contracenava com uma caixa de som que deixa de ser mero suporte técnico para se tornar personagem — ampliando a ideia de uma ação que acontece no “entre”: o humano e o selvagem, a natureza e a máquina, a vida e a morte.

A provocação pela radicalidade veio de Natasha Corbelino, diretora, performer, autora e pesquisadora com mestrado em Artes da Cena pela UFRJ. “Desde o começo, Natasha falou que queria algum tipo de radicalidade na linguagem que

“Nossa vida está atravessada o tempo inteiro pela tecnologia, e nisso tem afeto, tem comando e tem controle também. A máquina é um outro corpo com quem eu estabeleço um vínculo de escuta, de dependência, de confronto”

CAROLINA FERMAN

dialogasse com a radicalidade que é ser mordida por um crocodilo”, comenta Ferman sobre a direção.

“Me move demais inventar modos mais radicais de imaginação de futuros com o teatro. O convite da Carolina para dirigir a peça e escrever com ela a dramaturgia aconteceu assim: com um olho no abismo da morte e um olho na coragem de ser mulher criadora dos próprios mundos. Ou seja, um encantamento feroz! O encontro que a cena causa é precioso e, quando ele acontece

interespecies, então, o mistério é pura magia!”, destaca a encenadora.

A montagem opera em três registros simultâneos: selvagem, humana e tecnológica. Uma faixa de som gravada é emitida pela caixa por 55 minutos ininterruptos. Depois do prólogo, Ferman dá o “play” e precisa fazer a peça acontecer dentro deste tempo rigoroso. “Eu dou play e preciso me encaixar. Ela não para. É uma faixa ininterrupta. Então a peça tem um rigor técnico de partitura física, vocal e emocional,

precisa caber ali”, explica a atriz. A relação entre corpo humano e máquina fala do desejo de reconexão com o mundo natural, hoje mediado pela tecnologia — fronteiras cada vez mais diluídas entre o orgânico e o artificial.

“Nossa vida está atravessada o tempo inteiro pela tecnologia, e nisso tem afeto, tem comando e tem controle também. A máquina é um outro corpo com quem eu estabeleço um vínculo de escuta, de dependência, de confronto. É ao mesmo tempo uma libertação e um cárcere”, comenta Ferman. A peça aborda temas urgentes: a crise ambiental, o protagonismo feminino nas artes, a relação entre corpo e tecnologia. E, para Ferman, há uma questão ética fundamental subjacente: “A forma como lidamos com a natureza é o que legitima todas as outras formas de opressão e dominação, tudo é um espelhamento dessa crença de superioridade. Como a gente propõe uma nova ética entre tecnologia e mundo natural? Porque é um caminho sem volta. Essa convivência híbrida, porosa, é um caminho sem volta. O espetáculo busca o elemento novo, essa nova ética”.

SERVIÇO

FERA

Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 — Botafogo)
Até 22/4, terças e quartas (20h) | Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Vinhos veganos:

ESCOLHA ÉTICA NA TAÇA

Tendência de mercado mostra que bebidas de origem vegetal não abrem mão de qualidade

AFFONSO NUNES

Se vinhos são feitos de uva, todos eles são veganos, certo? A resposta é não — e essa descoberta costuma surpreender até os apreciadores mais experientes. A resposta está nos bastidores da adega, longe das videiras e das prensas. Durante a produção, muitos rótulos tradicionais passam por um processo de clarificação que recorre a insumos de origem animal — clara de ovo, caseína, gelatina ou derivados de peixe — para deixar a bebida cristalina e sedutora na taça.

Os vinhos veganos contornam esse problema com criatividade: recorrem a alternativas vegetais ou minerais como bentonita, proteínas de ervilha e batata, ou simplesmente deixam o vinho em paz, sem clarifi-



Divulgação Miolo

A Miolo, no Vale dos Vinhedos (RS), é uma das vinícolas brasileiras que adotam a clarificação vegetal em alguns de seus rótulos

car nem filtrar, prática comum em rótulos artesanais que abraçam a imperfeição como marca de autenticidade.

É frequente confundir vinhos veganos com orgânicos ou biodinâmicos. Apesar de frequentemente andarem juntos, são categorias distintas. O termo vegano refere-se exclusivamente ao uso de insumos de origem animal na vinificação, enquanto vinhos orgânicos dizem respeito ao cultivo das uvas sem agrotóxicos sintéticos. Os biodinâ-

micos seguem princípios agrícolas específicos com práticas naturais e calendário astronômico. Há vinhos orgânicos que não são veganos e veganos que não são orgânicos; a sobreposição é possível, mas não garantida.

A identificação tornou-se simples. Selos de certificação, menções como “vegan friendly” e descrições

técnicas sobre clarificação vegetal orientam o consumidor. Na taça, a experiência é idêntica: vinhos veganos podem ser tintos encorpados, brancos aromáticos, rosés leves ou espumantes elegantes. A harmonização segue a lógica tradicional — tintos com pratos intensos, brancos com preparos frescos ou cremosos, rosés e espumantes com entradas leves.

O mercado brasileiro acompanha a tendência com entusiasmo. Vinícolas como Casa Valduga, Pizzato, Casa Perini, Salton, Miolo e Góes adotaram clarificação vegetal em boa parte de seus vinhos, ampliando o acesso a opções nacionais veganas sem alterar o perfil sensorial dos rótulos.

No entanto, a rotulagem dos vinhos veganos ainda não segue um padrão obrigatório no Brasil, o que exige um pouco mais de atenção do consumidor. Alguns rótulos já exibem selos reconhecidos internacionalmente, como V-Label ou Vegan Society, enquanto outros trazem apenas menções como “vegan friendly” ou indicações discretas de clarificação vegetal nas fichas técnicas. Como não existe uma regra que obrigue o produtor a declarar se usou ou não insumos de origem animal na vinificação, parte das informações acaba dependendo da transparência da própria vinícola ou do importador.

O crescimento dessa categoria reflete um movimento maior: consumidores que buscam transparência e responsabilidade na produção, sem abrir mão do prazer de apreciar uma boa taça. Com mais vinícolas assumindo práticas sustentáveis e claras, escolher um vinho alinhado a valores pessoais tornou-se tarefa cada vez mais simples e acessível.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO

Divulgação



Novos drinques

Ingredientes da gastronomia japonesa inspiram as novas criações do Kitchin. A casa apresenta uma carta com quatro drinques autorais que transportam elementos tradicionais da culinária nipônica para a coquetelaria, explorando notas umami, defumadas, cítricas e herbais, sempre com foco no equilíbrio. Entre as novidades está o Yuzu Spritz, que combina shochu, destilado típico do Japão, espumante e purê de yuzu. O Negroni Katsuobushi revisita o clássico italiano ao unir shochu infundado com lascas de peixe seco, Campari e Punt e Mes.

Divulgação



Caldas Generosas

A Das Caldas é uma nova marca de doces que chega apostando no prazer das sobremesas feitas sem economia de sabor. Inspirada nas lembranças dos bolos de família, a confeitaria investe em massas macias, recheios cremosos e coberturas generosas, criando doces que despertam memória afetiva a cada fatia. Um dos diferenciais da marca são as caldas extras, servidas à parte para deixar os bolos ainda mais molhadinhos e personalizados. A proposta é simples: transformar receitas clássicas em experiências únicas.

Divulgação



Um corte raro na Palace

A Churrascaria Palace apresenta uma edição especial e limitada da paleta de cordeiro Simunovic, vinda diretamente da Patagônia chilena - região de excelentes pastagens - para a parrilla do restaurante. São peças com cerca de 1,5 kg de cordeiro mamão, uma iguaria sazonal. Antes de ir ao fogo, ela passa um tempo na marinada da casa à base de sal, pimenta-do-reino, alho, hortelã e vinho branco. Esse corte tem uma carne muito delicada, que mantém a umidade e forma uma crosta ligeiramente tostada e crocante, extremamente saborosa.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Moto
contínuo

Em tempos de viagem rodoviárias, tinha o hábito de, no fim da tarde, me deslocar para a cidade que visitaria no dia seguinte. À tardinha, a temperatura ficava mais amena e, dessa forma, menos cansativa. Outra questão é que já amanhecendo no local seguinte o dia fluía melhor sem a correria de ter de acordar na madrugada, o que nunca foi um problema para mim, e viajar com os primeiros raios do Astro-Rei, o que, convenhamos, mesmo com ar-condicionado no carro, não é nada confortável.

Nos bailes da vida ou num bar. O mais interessante disso tudo e, talvez, o principal motivo desses deslocamentos vespertinos estava em jantar nas churrascarias, pensões, cabarés, postos de gasolina, bares, restaurantes e tudo mais que servisse comida de primeira, fosse seguro, e, de quebra, tivesse um órgão elétrico tonitruante, com seu maestro, enfurecido, se sentindo o próprio Rick Wakeman. Naturalmente em solo ou acompanhado de uma cantora ou de uma dupla.

Aprendi por observação e dicas colhidas ao longo do tempo, que os melhores locais para se comer na estrada são aqueles onde há muitos caminhões estacionados e, por conseguinte – o Aurélio que me desculpe, mas a palavra mais bonita da “Flor de Lácio” não é libélula; é conseguinte -, gente com fome procurando comida boa, preços justos e se possível, boa diversão.

Estávamos atravessando os anos 1980. Sinhozinho Malta e a Viúva Porcina, quando Regina Duarte era somente atriz e fazia rir o Brasil, eram protagonistas, ímpares, de uma Asa Branca, microcosmo antagônico do país não muito diferente do atual. Regina ali, já era prenúncio da Regina atual. Roque Santeiro parava terras tupiniquins depois do JN, naqueles quarenta minutos não se ouvia pio em lugar nenhum. Descobri que caminhoneiros, mascates e vendedores-viajantes eram noveleiros e dos bons. Discutiam personagens, imitavam gestual, compunham falas, num laboratório realizado em meio a espetos-corridos (rodízio) e pratos-feitos. Se houvesse música ao vivo era o momento do intervalo. As caixas de som passavam transmitir, não mais os vaneirões, forrós, sertanejo e, na maioria das vezes, MPB para estrepituar a estrondosa gargalhada da viúva e o guizado-cascavel, emitidos pelo atrito entre o relógio e as pulseiras de Malta.

No começo me punha como observador, depois passei a interagir de forma sociológica e por fim já fazia parte do time, trocando informações, cantando junto, fazendo terceira voz, comemorando aniversários. Os locais passaram a ser os mesmos, os encontros e desencontros também. Conheci muita gente boa pondo o pé na profissão, muita gente vinda de um caminhar muito além do mar. Muitas histórias de vitórias e derrotas. Histórias de uma vida inteira, de existências e sofrimento, histórias de recomeços e começos. Algumas delas muito marcantes e de superação, outras nem tanto, infelizmente.

Foram tantos os personagens que não cabem em uma só crônica. Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão, seguírei amanhã esses caminhos de encontros e despedidas. Mandarei notícias.

